



ILLUSTRACÃO CATHOLICA



COLEGIADA DE GUIMARÃES
(Monumento Nacional)

(Fot. Machado)

Braga, 5 de Maio de 1928

NUMERO 322 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPR'IDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

Casa Editora Catholica

LIVRARIA, PAPELARIA, ARTIGOS RELIGIOSOS

Armenio Sotto Mayor

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) BRAGA

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, vélas de cêra, etc.

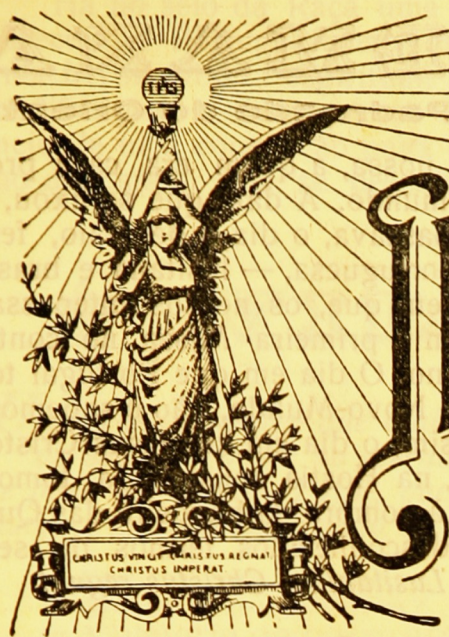


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 5 de Maio de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 322



BRAGA -- As senhoras e cavalheiros que entregaram
ao Ex.^{mo} Snr. Conego Dr. Novais e Sousa, Director da
Creche de Braga, 26.000\$00, producto da rëcita por eles
promovida em favor desta santa casa de caridade.

(«Foto-Chic» de Alberto Marques)

Ao findar a Idade-Media, caravelas portuguesas sulcavam todos os mares: a nossa Raça dominava por todas as latitudes. Corte-Real, aprofundando as terras arcticas, via-se feito rei dos indios na outra margem atlantica. Cristovão da Gama compartilhava com o regus da Abissinia o dominio das terras famosas do prestes João. Na zona torrida fazia-se cristão o Congo por mediação portuguesa: as aguas supersticiosas do Ganges serviam a Xavier para baptisar à sombra das Quinas lusitanas a milhares de indios. Os portugueses levavam ao extremo Japão os primeiros alvares da Fé — admiravelmente conservada ali tres séculos sem relações com a outra cristandade pelos descendentes dos portugueses niponicos — e a costa africana era demarcada por padrões que uma Cruz encimava para que fossem simultaneamente simbolos da crença e da nacionalidade: *per Lusitaniam Christos regnat.*

Apezar dos erros da politica, e da absorpção com que o Estado fazia por vezes da Religião um *instrumentum regni*, pode dizer-se que Portugal, se não compreendeu integralmente, sentiu com vivacidade a sua missão providencial de apóstolo e de evangelizador.

Todos os outros países cristãos tem os seus missionarios: alguns há como a França, onde a obra da Propagação da Fé se transforma numa potencia moral importante. Mas país nenhum como o nosso se mostra tão claro e tão irrefutavelmente missionario. E' a característica portuguesa por excellencia. Podem faltar tijolos que bastem para um pequeno festim; mas não faltará nunca granito para erguer um cruzeiro nas sete partidas do mundo. E os mares antarcticos, onde pela vez primeira se aventuraram as bussolas da pequena Lisia, não oferecem pedestal bastante firme para erguer o simbolo de Cristo, que é o simbolo da Patria, nem por isso se mingua o esforço da raça. Os nossos cosmografos subirão mais alto, à celestes abobada, e, como sinal distintivo da passagem dos portugueses sob novos ceus, chamarão Cruzeiro do Sul à mais bela das constelações austrais.

Simbolo perfeitissimo deste genio missionario é a Descoberta do Brazil. Alvares Cabral, em viagem para a India, afastou-se a demandar a terra brasilica, de cuja existencia havia já desde muito antes, certa noticia. Aproveitou a terra guarani, acolhido com amor pelos naturais, e pagando-lhes carinho com carinho. O dia certo da chegada, não se sabe; ele importava pouco, a

gente como a nossa, a quem era casa propria todo o mundo. A data que se fixou, e ante-hontem passava, o dia 3 de Maio, festa nacional portuguesa, — lusitana e brasileira — foi o em que, os nossos antepassados celebraram a primeira Missa no continente americano. O dia em que Portugal tomou posse do Novo-Mundo, não o sabemos. Celebramos, sim, o dia em que Jesus Cristo, pessoalmente, na Hostia consagrada, tomou posse official, à sombra da bandeira das Quinas, desses desconhecidos termos do seu dominio. *Per Lusitaniam Christus regnat.*

Concedendo a Portugal direitos de padroado quais não os houve nunca nenhuma nação moderna, os Soberanos Pontifices não fizeram mais do que reconhecer, e firmar a nossa admiravel vocação missionaria. O oriente todo, se pagou parcas em nossas mãos, foi para que o ouro lavrado nos primores dos nossos cinzelados se fizessem ostensorio da Magestade eucarística. Mero simbolo, que Portugal era todo ele um perfeito ostensorio onde a Hostia se apresentava à adoração do mundo.

Ainda hoje em cidades indianas, onde ha muito desapareceu o dominio temporal dos portugueses, e nem sequer as visitam habitualmente compatriotas nossos, rezam *em portugûes* os catolicos da terra, apesar de no convívio social usarem o idioma inglês ou algum dos dialectos industanicos. Tanto no Oriente se identificaram na alma popular as noções de portugûes e de catolico.

Em quinze de Abril passado se assinou no Sacro Palacio Vaticano um novo acordo entre Portugal e a Igreja, — agora publicado pelas duas potencias — acordo que regula o exercicio do direito de padroado que o Estado portugûes ainda tem nas cristandades orientais, e até em territorio que politicamente não se sujeitam à nossa interferencia.

Este novo Acordo não só garantiu plenamente os tradicionais direitos portugueses, mas ainda encheu de novo prestigio o velho Portugal, deixando ao mesmo tempo defendidos os supremos interesses morais da organização ecclesiastica.

E' uma honra para uma Nação como a nossa que, ainda no meio de convulsões politicas por que passou em algumas desenas de anos, e infelizmente ainda oficialmente separada da fé, pela neutralidade religiosa do Estado, não perdeu completamente de vista a pristina vocação missionaria...

Ha no seio da Raça uma fome divina; parece que Portugal como que acorda de uma frivola tibieza espiritual. No meio das modificações sociais que se avisinham, no meio de uma concepção pagã do imperialismo do Estado que se desenha noutras na-

ções, não estará por acaso reservado à vossa a renovação do seu providencial labor missionario? Não estará reservado a Portugal preparar o imperio de Jesus, e que se possa dizer de novo — *par Lusitaniam Christus regnat?*



VIDA INTENSA



UM grande quadro que é ainda uma terna variante do velho tema: um recanto de jardim do seculo XVIII; na eterna balaustrada enredada de flores, uma velha Pierrette debruça-se para um Pierrot Taful, que, do jardim, a contempla piegas; ao fundo, no rebordo dum tanque, um cupido papudo e loiro, como um anjo de Boticelli, sorri travesso.

— Escuta-me, *Pierrette*...
— Ainda uma historia?
— A historia do nosso amor!
— Ah! isso é velhissimo.
— Mas como as flores murchas tem ainda o perfume da saudade.
— Eu nem me lembro já.
— Eu não posso esquecer.
— Piegas!
— Cruel.
— Magoei-te?
— ...é vulgar nas rosas, um espinho escondido...
— Sempre galanteador.
— Ao pé de ti rejuvenesço, vivo.
— De sonhos que não sonhaste...
— De recordações que deveria ter.
— E o que queres de mim?
— O teu amor!
— Ainda?
— Sempre! Queres que te cante uma balada?
— Amor de velhos... Canções de velhos...
— Mas os velhos, quando amam, são como as roseiras de todo o ano; tem sempre flores.
— Estou uma velha!...
— A mulher que se adora só é velha quando morre; o amor dá-lhe a mocidade eterna. A meus olhos és a mesma; os teus olhos são os mesmos para mim: Vejo-te, admiro-te, nesse donaire doce que te dá trejeitos de flor, a cabeça tombada num garavim de luar e frivola, contente, o mesmo requebrar de crueldade, de desdem...
— *Pierrot, Pierrot*, és o mesmo *Pierrot*, piegas, adocicado, submisso. Nós, não sabemos amar um homem assim.
— Preferes *Arlequin*, a astucia, a perfidia...
— Preferimos um homem.
— Perfida!
— Tu és um *Pierrot*. O nosso idolo, aquele que decide do nosso destino, é sempre altivo, forte, soberano e desdenhoso como um Deus. A submissão interessa-nos, porque somos piedosas, mas não pode fascinar: O encanto reside no dominio, na força, porque a mulher apaixonada quer ser escrava. E é pela submissão, pela humildade, que vence depois.

No rebordo do tanque, Cupido deixou de rir, limpou, nos olhos tristes, uma lagrima rebelde...

— Mas esses homens são altivos porque não sabem interessar, são desdenhosos porque não sabem querer.
— Sabem fazer-se amar e por isso dominam. Os outros...
— E os outros?
— Só os vemos através da piedade, pela indiferença...
— O odio é melhor.
— Concordas?
— Concorde que és perfida, que és má, minha linda *Pierrette*!
— Sou tua amiga.
— Não, não, detesta-me; o odio é reverso do amor.

— Meu pobre *Pierrot*, és ainda imbecil. O amor não se improvisa, não se talha à nossa vontade; é de Deus, é obra de Deus, porque o destino é a Providencia embuçada, castigando, premiando. Acima da nossa vontade, acima do nosso querer, o amor nasce comnosco, vive dentro de nós e, muitas vezes, não se revela; esconde-se, guarda-se, e, imperceptivel, é o sentido dos nossos sentidos.

— Então?

— Eu nunca o senti despertar, nunca; porisso a minha vida é vasia, ôca. Queimei as azas de oiro, de alma em alma, como a borboleta de flôr em flôr, e hoje olhando o passado, olhando-me a mim propria, vejo que não gostei de nenhum...
— Repete, repete...
— Se te consola, juro: não gostei de ninguem. Por isso envelheci, por isso as mulheres envelhecem todas. Só os homens, como tu, porque amaram, gosam a primavera eterna; mas não sabem fazer-se amar. Desistes emfim.

— Adoro-te ainda mais.

— E a minha velhice?
— E' a minha primavera!
— E' a velhice desalentada, não pelo que viveu mas pelo muito que deixou de viver, e que desespera porque não pode já realizar a sua illusão.

— A velhice, a tua, é então?

— A minha, a de todas, é apenas o triste remorso dos frivolos, a tardia contricção dos esbanjadores...
— A velhice, a tua, é então?
— A minha, a de todas, é apenas o triste remorso dos frivolos, a tardia contricção dos esbanjadores...

José de FARIA MACHADO.



NUNO DE MONTEMOR — Inspirado autor de «O Irmão de Luzia».



“A Paixão de uma religiosa,,

«Na literatura pátria entrou uma figura que já-mais se apagará. Não conheço, na literatura portuguesa, figura mais artística e sublime que a Irmã Luzia.»

DR. MENDES DO CARMO.

A Nuno de Montemor

Puz-me a ler o teu livro, ó meu Amigo,
ao fim de uma tardinha a desmaiar,
sob a frescura de um alpendre antigo,
entre arrulhos de pombas, par a par.

Bordando linho, estava, então, comigo
minha irmã, tôda ouvidos a escutar.
Ah, crê que não te minto se te digo
que do livro jamais tirara o olhar!

Terminei entre lágrimas tombando
Como doce um rosário branco e brandoo...
Morrera o sol... E enquanto o luar nascia,

Prostrada, minha irmã orava assim:
— «Faz rebentar, Senhor, dentro de mim,
a divina paixão da Irmã Luzia!»

MOREIRA DAS NEVES.

Nuno de Montemor

«...esclarecido e piedoso auctor...»

† D. ANTÓNIO I, CARDEAL PATRIARCA

«...prègador eloquente que levará a muitos
espíritos um lampejo de verdade...»

† D. MANUEL, ARCEBISPO DE ÉVORA

«Para a minha alma Nuno de Montemor
é dos mais «puros» poetas de Portugal.»

AFONSO LOPES VIEIRA

«...novo Pedro Eremita...»

TEIXEIRA PINTO

«...Galaaz heróico duma nova Cavalaria Cristã...»

M. DAS N.

Exposição de Bordados de D. Maria Margarida dos Santos

No Salão da Casa Cipriano, no Porto

No amplo salão de vendas da Casa Cipriano Silva, á Praça de Carlos Alberto, no Porto, vem de se realizar uma exposição de bordados artisticos notavel.

Acabo de visitar essa exposição, e aproveito a ocasião de estar traçando

em todos os objectos de decoração domestica e aconchegadora do bem estar de uma casa artistica e confortavel há um assunto, um motivo, genuinamente portuguez e amigo. E a contemplação dos trabalhos expostos, com os seus motivos tão nossos, dá, em meu entender, não só a consolação da vista e do espirito, mas, mais ainda, uma lição civica para o engrandecimento da nossa patria e para excitar o amor ás nossas coisas.

A illustre artista, (pois só uma verdadeira artista é que pode conceber a realisação perfeita de bordados como os que ali estão expostos), faz, com a sua exposição com que nós passamos em revista, o que forem as aptidões, concepções, em brocados e bordados dos nossos antepassados.

Depois de bem observados e estudados os trabalhos expostos, ficamos sa-



PORTO — Conjunto da Exposição de Bordados da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Margarida dos Santos, no magnifico salão de vendas da Casa Cipriano, na Praça Carlos Alberto.

as minhas notas de Arte, para lhe dedicar duas palavras.

A exposição tem um cunho especial de *portuguesismo* que me encantou. Ali tudo é portuguez. A sua autora e quiçá directora do grupo de operarias que fazem os bordados, os aprestes, panos, damascos, linhos, etc., e em especial os assuntos, que, como que uma evocação ao passado glorioso da nossa grande patria, do nosso Portugal.

Nos panos de meza, nas almofadas, nos tapetes, nas cobertas, nos reposteiros, nos pequenos panos para bibelots,

bendo que para se decorar uma casa com gosto fino e aconchegado carinho, não precisamos de recorrer ao talento e à arte dos estrangeiros, visto que em Portugal temos quem, como a Snr.^a D. Maria Margarida dos Santos, nos dá exuberantes provas de fino gosto, para realisar esse *decor*, portuguesissimamente.

Bem haja pois, pelo bem que fez, à minha alma de portuguez de lei, com a sua exposição.

ANTONIO DE LEMOS (ALVARO.)

O CATOLICISMO NO MÉXICO

PROSEGUE sanhudamente diabólica a perseguição que o Governo mexicano intentou mover contra a Igreja Católica. Revivem os prístinos tempos do Cristianismo, tempos de terrível angustia, ricos porém de heróicidade, não fugazmente gerada no amor-próprio,

lo orgulho humano, meros psitacismos, porque lhes falta a justificação duma moral absoluta, que só o Evangelho pode dar.

Jesus Cristo o predisse serenamente, advertindo os discípulos de que haviam de passar aflições nesta vida, como de facto Êle as passara;

incitou-os todavia à confiança recordando-lhes a vitória completa que tinha alcançado sôbre o mundo: « *In mundo pressuram habebitis; sed confidite, ego vici mundum.* »

E a palavra divina tem-se cumprido admirabilissimamente: aflição em nós, aflição fora de nós, sempre a aflição. Toda a historia da Igreja é um combate

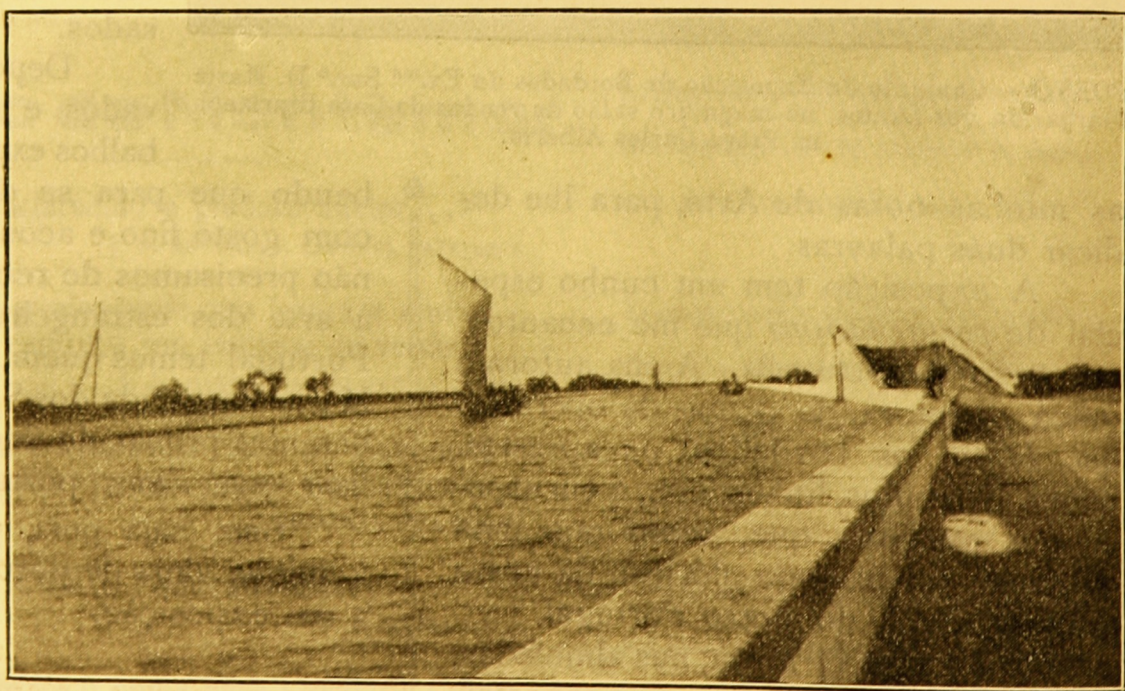
incessante entre o espírito e a matéria, entre a nossa absoluta dependência como entes contingentes e o desejo constante de rebelião, ditada estulta-



CABECEIRA DE BASTO. — O «Basto» de pedra, simbolo regional

mas oriunda, com uma constância sobrenatural, da perfeita abnegação, que leva plàcidamente a oblatar a própria vida a Deus, de verdade o alfa e o ómega do ente racional.

Não há que estranhar que a Igreja do Deus vivo escandalize de continue o mundo, até quando este contraditòriamente terça a mais odiosa intolerância religiosa com os tão decantados princípios democráticos, reivindicados pe-



AVEIRO — Ponte de S. Gonçalo.

(Foto. D. Francisco Tavaredo)

mente pelo orgulho e provinda da natureza decaída pelo pecado original.

*

Por isso, logo de início, o Cristianismo teve de lutar com coragem contra a obduração pertinaz do povo judaico, que, furibundo de ódio, abriu o glorioso ciclo das perseguições lapidando o boníssimo Estevão. Depois a gentildade, cominada na vida luxuriosa a que se entregava exclusivamente, julgou exterminá-lo supliciando com truculência invulgar os cristãos.

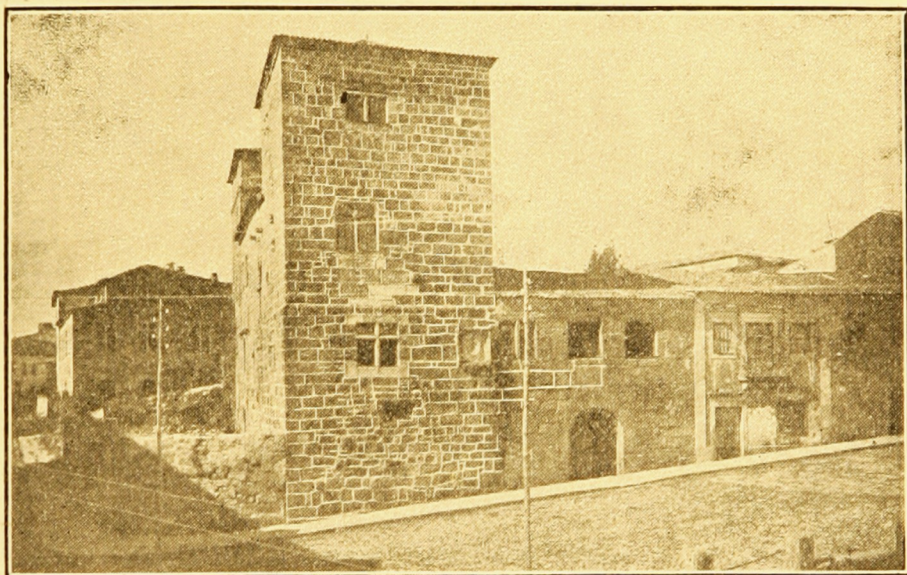
Mas a Fé, por uma singular contradição, progredia na razão directa do calculado extermínio. Os fiéis pululavam por todo o império de modo assustador para a segurança do paganismo, e assim os editos se multiplicavam, provendo por todas as maneiras a que a seita cristã fôsse de vez eliminada. Frustrados todos os planos deletérios, Constantino proclamou o Cristianismo religião oficial, mandando pôr a Cruz no seu lábaro com a conhecida legenda: « *In hoc signo vinces.* »

Sinal bendito, instrumento de Redenção, foi, é e há-de ser sempre o triunfo da atormentada Barca de Pedro. Com efeito, cessada a opposição externa, surgiram por variadas formas novas perseguições, traduzidas nas correntes heréticas, que, interpretando o depósito da Revelação ao sabor de preconceitos e até conveniências individuais, levavam a anarquia ao campo religioso. Os concílios contudo, assistidos do Paracleto infalível, restabeleciam a unidade almejada, e a Igreja sobrevivia a todos os ataques e espancava todos os erros.

Não sobreestava, porém, o espírito do século na campanha contra a religião, e com grande calamidade para a santificação das almas, dilatava-se crescentemente a corrupção clerical, invadia os conventos, subia até os degraus do

trono pontifício. Toda a Igreja parecia subverter-se sob o pecado, perpetrado escandalosamente. A luxúria, a simonia, o nepotismo porfiavam demoniacamente em inutilisar a obra de Jesus Cristo, e o seco punhado dos incorruptos aguardava pressuroso as piores desgraças, sentindo talvez que se aproximavam os tempos apocalípticos.

Esta foi a pior das perseguições que se tem movido a Jesus Cristo, resultando dela, como todos sabem, o grande Scisma do Ocidente, precedido do chamado captivo da Babilónia, denominação analógica com que se designou a transferência da Santa Sé, por sessenta anos, de Roma para Avinhão.



BARCELOS — Solar dos Pinheiros

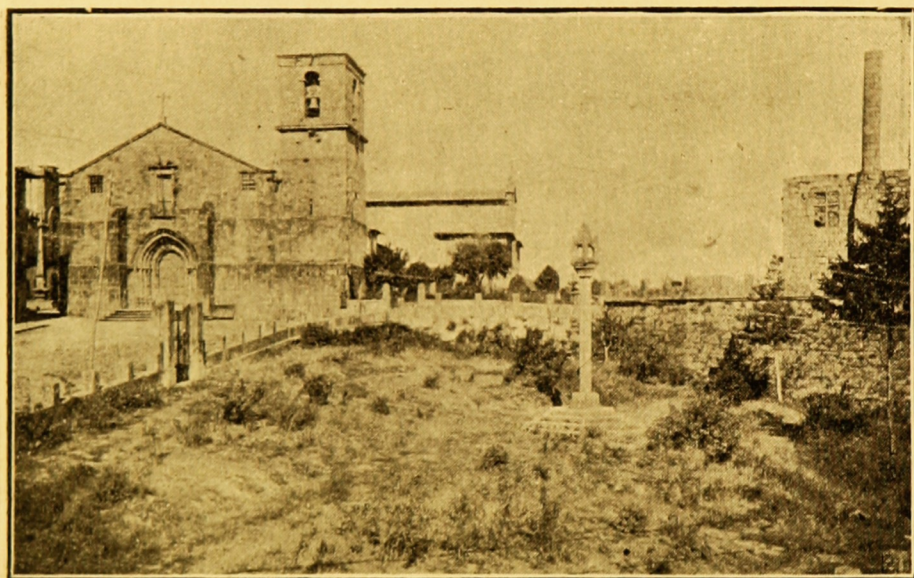
Como fatal consequência deste estado calamitoso, desta tremenda e horrorosa corrupção da Igreja pela própria Igreja, surgiu a Reforma luterana, que ao mal existente opôs outro mal, pior ainda, pois, em síntese, levantou o conflito entre a Lei e o Evangelho, proclamando apenas a fé como justificante e desprezando imbecilmente o valor das obras.

A Reforma foi o prefácio do racionalismo, como este ao depois, sistematizando com soberbia as conquistas da sciência, se chamou positivismo, e entrando desregramente na vida social, pelas aplicações técnicas, se aplidou materialismo.

A Igreja Católica todavia saía indemne destes elementos corrosivos,

opondo à corrupção clerical a íntegra disciplina de S. Bernardo e a nova apostolização de S. Francisco de Assis e de S. Domingos de Gusmão, à obnoxia questão scismática, teólogos de vulto, como Jean Gerson e Piérre d'Ailly ao êrro luterano o Concílio de Trento, à repaganização da Renascença génios que foram santos e santos que foram génios, entre os quais a célebre doutora carmelita, à filosofia positivista o neotomismo, que guia a alta intelectualidade hodierna, à perversão social o alto exemplo, felizmente contemporâneo, da vida de Santa Tereza do Menino Jesus.

*



BARCELOS — Igreja Matriz e Pelourinho

Triunfadora de si mesma, a Igreja Católica há-de sair mais forte, mais pura, mais edificante da perseguição que está sofrendo no México. Passarão os perseguidores desfeitos no pó, para onde caminha este mundo, mas a Fé fica, confortando uns e escandalizando outros, até á consumação dos tempos cristãos.

Todos os perseguidores poderão, se porventura sobreviverem à goração da sua obra maligna contra a Igreja de Jesus Cristo, repetir as palavras de Juliano apóstata, voltando-se para o céu com os punhos colèricamente fechados: « Venceste, ó filho do carpinteiro! »

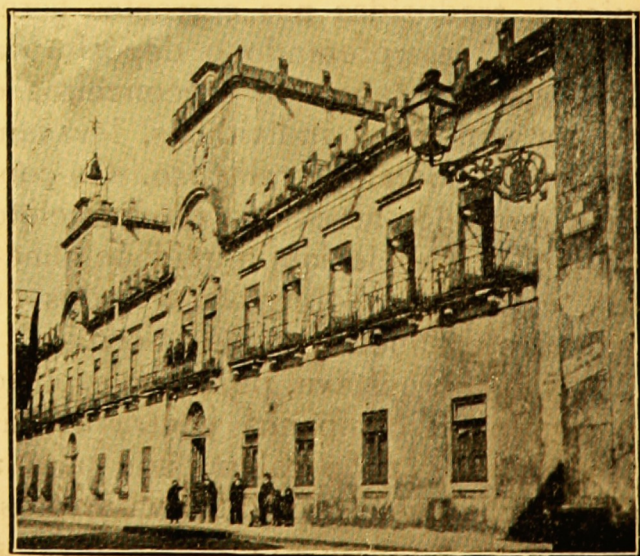
Há-de vencer sempre, salvando os que confiarem na sua palavra: « Não

temais os que matam o corpo e nada mais podem fazer; temei porém o que, depois de vos tirar a vida, tem poder de vos lançar na condenação eterna ».

Coluna e paládio da Verdade, a Igreja domina o mundo, exígua arena de mesquinhas luctas, e transcende o tempo e o espaço na sua fase de triunfo eterno, para onde vai guiando os povos de boa vontade, sempre « erecta, celsa, inabalável e firmíssima, porque tem por cimento um sangue tão precioso, que resgatou a terra, e por coroa uma verdade tão poderosa, que abriu o céu »

Assim prègava em 1891, abrindo arrebatadoramente o segundo Congresso Católico realizado na província eclesiástica de Braga, o Cónego Alves Mateus, mestre insigne da palavra sagrada, e assim nos consolaremos intimamente quando a imprensa noticiar novas perseguições, decretadas democráticamente pelo Governo mexicano contra os católicos, porque de facto podemos afirmar, não já com um carácter de lei histórica, mas com um carácter profético — que a Igreja será sempre perseguida, mas nunca vencida.

ANTÓNIO MENESES.



BARCELOS — Camara Municipal

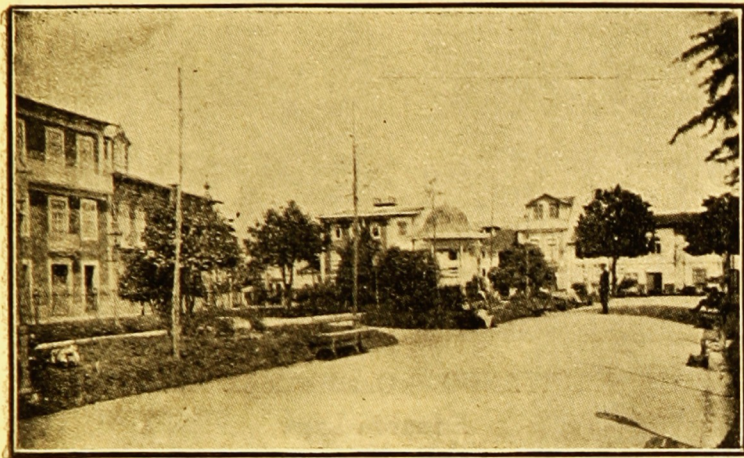
A MÃE E A MORTE

IMITAÇÃO

A chuva açoitava as vidraças e o vento fazia ranger as portas e as janelas.

Junto dum berço em que jazia uma criança estava uma mulher.

Mãe e filho.



BARCELOS — Jardim Publico

O filho tinha os olhos semi-cerrados, respirava com dificuldade, e cada vez que o peito lhe arfava era como um profundo suspiro.

A mãe bastava vê-la para se lêr no rosto a dôr que lhe ia na alma. Tremia a cada movimento, olhava com profunda tristeza para aquele que nascera dela. Estava muda e fria a assistir áquele sofrer.

Tres golpes fortíssimos, dados na porta, se fizeram ouvir.

— Entrai, disse a mãe.

A porta não fez ruido, nem se sentiram passos. Olhou e viu aproximar-se dela um velho coberto de andrajos, e envolto em rota manta.

O velho tinha os pés nús, por isso se não sentiram os passos, e tremia de frio.

A criança parecia dormir profundamente.

A mãe levantou-se para acender o fogo na chaminé.

O velho sentou-se junto do berço, e embalando a creança soltava uma canção tristíssima em lingua desconhecida.

— Meu filho não morrerá, não é verdade? disse a mãe dirigindo-se ao sombrio hospede.

Ele encolheu os hombros, e no rosto rugado appareceu-lhe estranho sorriso.

A mãe baixou os olhos; grossas lagrimas lhe inundaram as faces. Inclinou a cabeça sobre o peito.

Havia tres dias e tres noites que não dormia nem comia.

O peso da angustia deixou-a adormecer um instante. Acordou gelada, cheia de espanto e sobresalto.

O velho tinha desaparecido.

— Onde está o velho, exclamou ela.

E correu para o berço.

O berço estava só.

O velho levára a criança.

Neste momento um relógio que estava a um canto da casa deu meia noite.

A mãe saíu, como louca, gritando:

— Meu filho, quem viu meu filho?

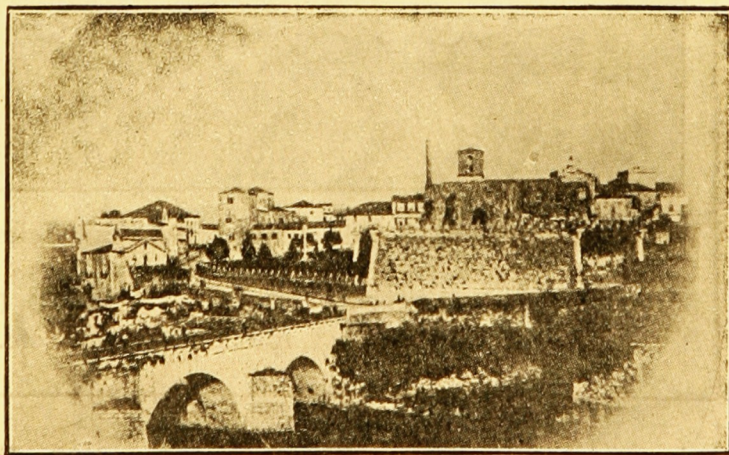
Uma mulher descomunal, vestida de preto, que estava defronte da casa, com os pés na neve, disse-lhe:

— Imprudente! Deixastes entrar a morte em tua casa, e embalar teu filho. Dormiste em quanto ela esteve ali; uma só coisa ela esperava, era o teu sono; fechaste olhos, e ela estreitando nos braços teu filho, fugiu rapidamente, mais veloz que o vento, o que a morte nos leva não restitui nunca.

— Oh! dissei-me sómente o caminho por onde foi, e eu a encontrarei.

— Antes de dizer-to quero que me cantes todas as canções, com que acalentaavas teu filho. Sou a noite, e vi correr as tuas lagrimas quando as cantavas.

— Cantar-vos-hei todas, mas agora não, deixai-me passar, quero procurar meu filho, quero havê-lo!



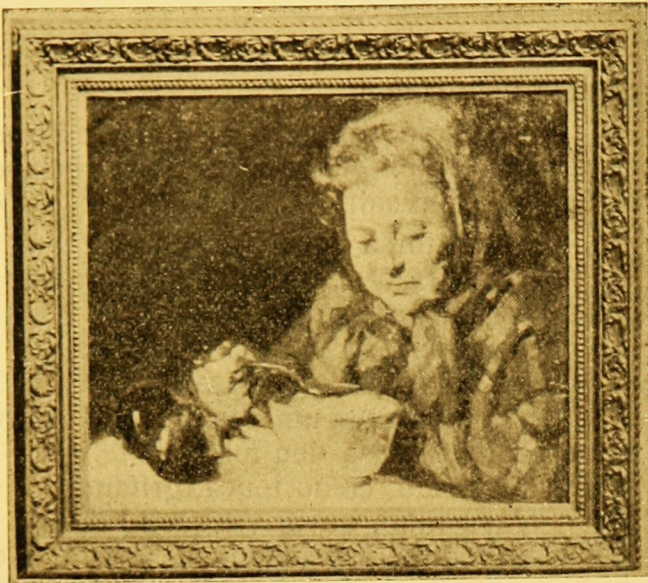
BARCELOS — Paços dos Condes e Duques de Barcelos

Porém a noite, muda e inflexível, entorpecia-lhe os passos.

A pobre mãe cruzou os braços e cantou as canções que lhe eram exigidas. Muitas foram elas, mas muitas mais foram as la-

Exposição de Quadros

de D. Maria Eduarda Lapa
NO PORTO



A MALGA DE CALDO — Quadro de D. Maria Eduarda Lapa



MEDITANDO — Quadro de D. Maria Eduarda Lapa



Visitantes acompanhados da ilustre artista. Entre eles o Ex.^{mo} Snr. Comandante da Região militar coronel Craveiro Lopes e sua esposa; Castro Lopes, redactor do PRIMEIRO DE JANEIRO, Dr. José Martins Barbosa, Antonio de Lemos, etc.

grimas. Ao concluir a ultima canção a voz parecia extinguir-se dum soluço doloroso; então a noite lhe disse:

— Vai direita aquele sombrio bosque de ciprestes. Para ali vi entrar a morte com teu filho.

A mãe corria pelo bosque; no meio dele o caminho dividia-se em dois. Parou.

peito, que lhe cravou seus agudos espinhos.

E o sangue corria em abundancia do seio da infeliz mãe!

Quanto mais ele corria, mais reverdecia o arbusto, que chegou a produzir flôr! Que calor tem o coração de mãe!

O arbusto indicou-lhe depois o caminho que devia seguir.

Não sabia se deveria caminhar pela direita ou pela esquerda.

Havia no angulo duma das estradas um cardo, despido de flores e folhas, vestido porém de agudos espinhos. Como era inverno a neve cobria-lhe todos os troncos.

— Não viste passar a Morte levando meu filho, perguntou a aflita mãe ao cardo.

— Vi, respondeu o arbusto; mas não te direi o caminho que ela tomou, enquanto não me aqueceres no teu seio. O gêlo que me cobre mata-me; salva-me tu.

A mãe, sem vacilar, ajoelhou, e estreitou o cardo contra o

Ela correndo, sem vêr, sem ter quem lhe impedisse os passos, chegou às margens dum estreito mas caudaloso rio.

E o rio estava deserto; nem um barco, nem um junco, nem uma arvore que podesse dar passagem à angustiada mãe.

Caíu de joelhos, não extenuada pela fadiga, porém para suplicar a Deus que lhe dêsse meio de passar aquele rio.

Então o rio erguendo a cabeça sobre a impetuosa corrente lhe disse.

— Sei o que tu pretendes. Uma só coisa de ti exijo. Estimo muito as perolas, e teus olhos são os que de mais brilho tenho visto. Queres chorar sobre as minhas aguas até que os olhos te caiam? Então as tuas lagrimas se converterão em perolas, e os teus olhos em diamantes, e depois conduzir-te-hei ao templo da Morte.

— Oh! não queres mais do que isso, disse-lhe ela radiante de esperança, dar-te-hei tudo que possua para me levares junto a meu filho.

E chorou, chorou tanto, que não tendo mais lagrimas, após elas foram-se os olhos convertidos em perolas, e quando caíram no rio transformaram-se em diamantes.

Então o rio cingiu-a nos braços e transportou-a para o outro lado.

Depois deixou-a no palacio das flores viventes.

Era um palacio larguíssimo, todo de cristal. No inverno tinha fogões invisiveis, no estio os raios do sol davam-lhe agradável temperatura.

A pobre mãe não podia vêr porque já não tinha olhos, apalpando encontrou o portão de entrada, porém a porteira embarcou-lhe o passo.

— Que procurais aqui? lhe disse ela.

— Oh! uma mulher, exclamou a mãe; de certo terá compaixão de mim.

E dirigiu-se à velha.

— Venho procurar a morte que me roubou meu filho.

— Quem te conduziu aqui? Como vies-te? perguntou-lhe a velha.

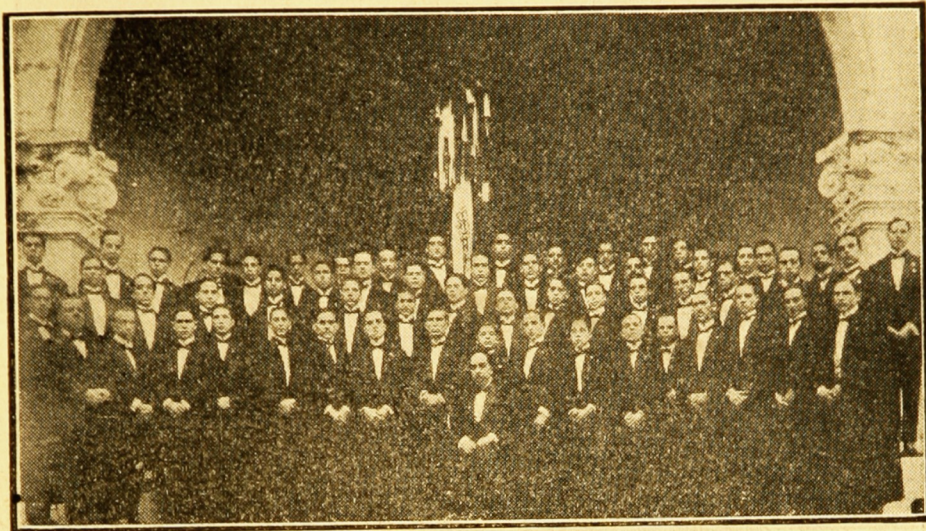
— Deus, que é bom. Compadeceu-se de mim, e creio que tu também terás piedade da mãe que busca o filho. Mas onde está ele?

— Não te conheço, e alem disso não verás mais teu filho. Muitas arvores e flores morreram esta noite. A Morte não tarda para novamente vir plantal-as. Não sabes que cada sêr tem a sua arvore ou a

sua flôr, que tem a mesma apparencia que os outros vegetais, porém tem um coração, coração que pulsa sempre, porque quando homens não vivem na terra, vivem na eternidade. Talvez reconheça o bater do coração de teu filho.

— Oh! reconheço, reconheço, e reconhecerei sempre.

— Que idade tinha ele?



ORFEON DO PORTO

— Um ano. Há seis mezes que me sorria, e hontem pela primeira vez balbuciou: «mãe!»

— Vou conduzir-te às salas das creanças dum ano... e que me dás?

— Que queres que te dê? Nada tenho. Porém manda o que quizeres, ao fim do mundo irei por ti.



RAUL CASIMIRO

Director artístico dos orfeons do Porto e Barcelos

— No fim do mundo nada tenho eu que fazer, respondeu a velha com uma gargalhada estúpida. Agora vejo que ainda tens formosas madeixas de cabelos negros. Dar-mas-hás em troca destas grenhas mesqui-

as plantas humanas. — Mas que frio que eu sinto, disse a mãe.

— E' a morte que entra. Recorda-te do que eu te recomendei.

E a velha desapareceu.

A morte chegou e o frio parecia que gelava.

— Como chegastes aqui primeiro do que eu? disse a Morte. Quem te ensinou o caminho?

— Sou mãe, respondeu ela.

A morte estendeu a mão para o pequeno cacto, que a mãe tinha coberto com as mãos, com tanto cuidado e precaução que não lhe tocou nem em uma fôlha.

Então a Morte bafejou as mãos da mãe, e ela sentiu um bafejo, frio como o marmore. Seus membros afrouxaram e suas mãos deixaram a planta sem quem a defendesse, sem quem lhe desse calor.

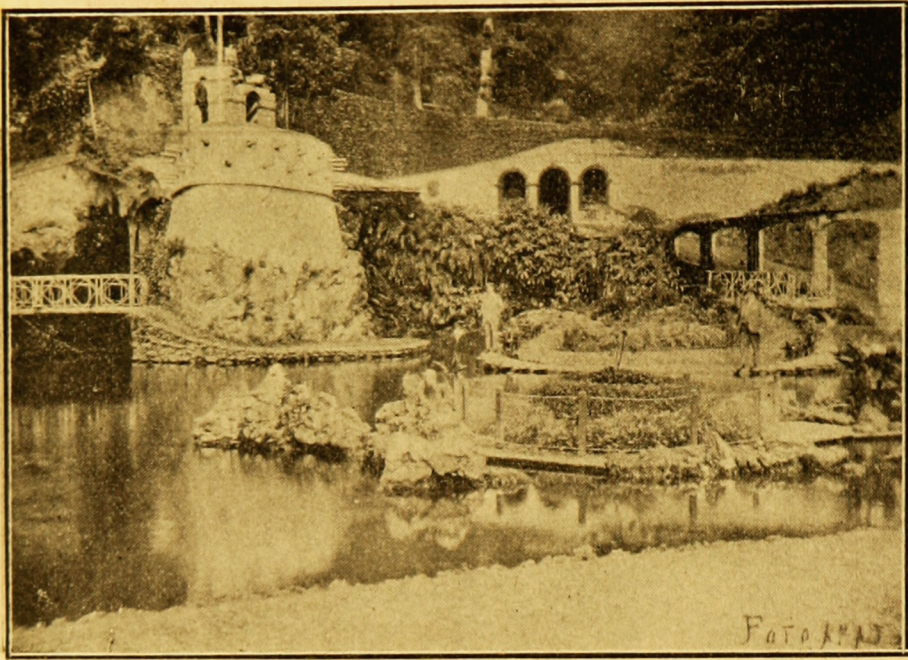
— Queres lutar comigo? disse a Morte.

— Eu não! Porém Deus pode ordenar-te...

— Não faço mais que o que Ele me ordena.

— Deixa-me pois meu filho ou arranca a minha arvore.

— E' impossivel, ainda tens trinta anos



MADEIRA = FUNCHAL = O Parque de Belmonte, onde se avista um lindo panorama e uma das riquezas da Madeira.

(Cliché do fot. am. Humberto Lima.)

nhas que o tempo ainda não quiz arrancar.

— E' só isso que queres? Aqui as tens.

E deu-lhes as suas compridas e formosas tranças em troca das grenhas brancas de velha.

Então entraram na estufa da Morte, onde as plantas, as arvores, os arbustos, as flôres estão colocadas segundo as suas edades.

Percorreram muitas salas até que chegaram à das creanças.

A mãe começou a escutar todos os corações. E naquela imensidade deles reconheceu o do filho.

— Ei-lo aqui, é ele enfim, exclamou a mãe estendendo as mãos sobre um cacto, que pendia murcho.

— Não lhe toques. Fica perto daqui. Estou esperando a Morte por instantes; quando ela venha e pretenda arrancal-o, ameaça-a que destruirás outras flores.

Ela então arreceiar-se-há, pois que para ser arrancada uma flôr ou uma arvore é preciso que Deus lhe mande, e é a Deus a quem ela dá conta de todas

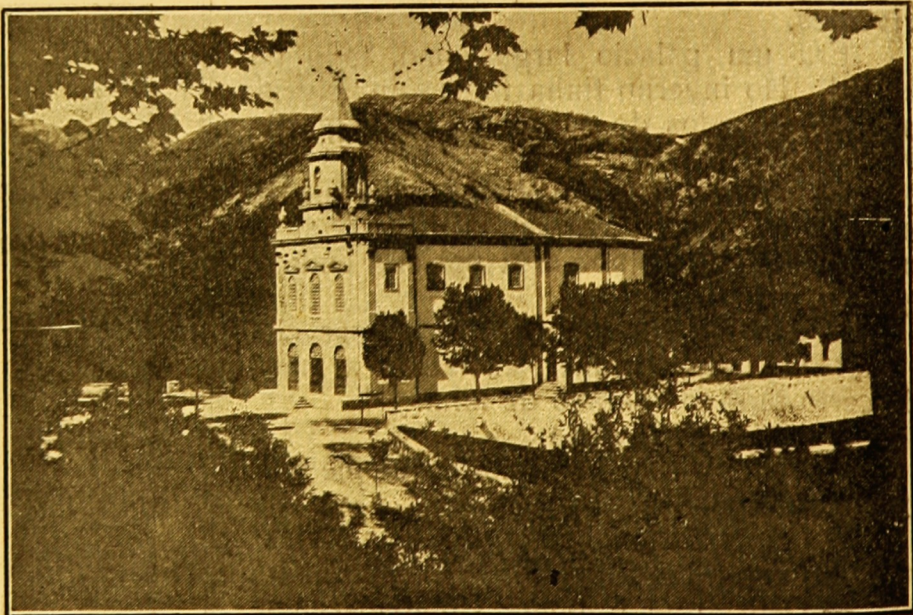
⊗

⊗

⊗

⊗

⊗



BRAGA = RIO CALDO = S. Bento da Porta Aberta, onde se festeja uma das maiores romarias do Minho.

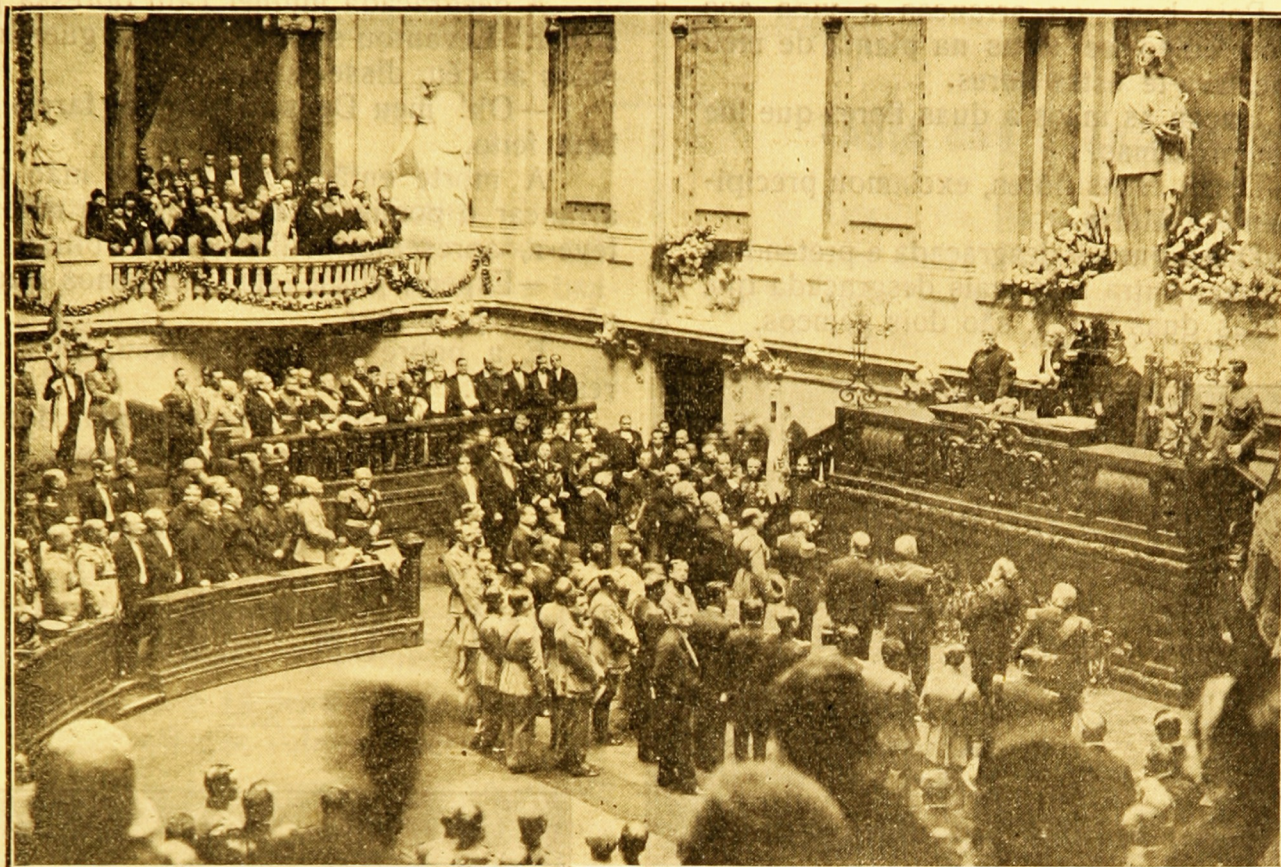
(Cliché do iot. am. Humberto Lima.)

⊗

⊗

⊗

de vida. — E que queres tu que eu faça durante esses trinta anos? eu que dei ao cardo o meu sangue, ao rio os meus olhos,



LISBOA — A cerimonia da proclamação do Snr. General Carmona, como Presidente da Republica



LISBOA — A Parada militar na Avenida da Liberdade, por ocasião do juramento do Snr. Presidente da Republica.

(Cliché de A. Salgado.)

á velha os meus cabelos. —Cumpro somente as ordens de Deus.

—Pois bem, ou arrancas a vida aos dois, ou então se tocas na planta de meu filho destruo-te estas flores.

E lançou as mãos a duas flores que lhe ficavam próximas.

—Deixa essas flores, exclamou precipitadamente a Morte.

—Dizes que és desgraçada e pretendias ainda fazer outra mãe mais desgraçada que tu. Essas duas flores, são dois gêmeos.



Auto retrato de Goya.

A pobre mulher deixou imediatamente as flores.

Houve um momento de silencio.

—Repara, disse a Morte apresentando á mãe dois lindos diamantes. Aqui tens teus olhos que os tomei ao passar pelo rio; vê com eles o que se está passando; vê o porvir dessas florinhas que querias arrancar; vê tudo!...

E ela viu o magnifico espectáculo do porvir e da felicidade daqueles dois seres que pretendera destruir.

—Ah! disse a mãe, ia sendo muito culpada.

—Agora olha, disse a Morte.

O cacto tomou a forma dum menino, que crescendo chegava a ser um jovem de paixões ardentes; em redor dele não se viam se não lagrimas, violencias e dores, e desapareceu...

—Ah! meu Deus, disse ela; quem era esse?

—Era teu filho, respondeu-lhe pausadamente a Morte.

A desgraçada mulher caiu opressa pelo sofrer. Levantou-se depois, e erguendo as mãos ao céu, disse.

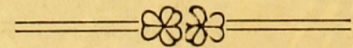
—Oh! meu Deus, o que vós fazeis está bem feito.

A morte então, estendeu a mão para arrancar o pequeno cacto, porém a mãe deteve-a, apresentando-lhe os seus olhos.

—Espera, disse ela, ao menos que eu não o veja morrer.

E a pobre mãe ainda viveu, cega, mas resignada.

Deus colocou o filho no lugar dos anjos, e a Mãe no lugar dos martires.



BRAGA---UM CASAMENTO



A Snr.^a D. Maria da Conceição Machado Junqueira, gentil filha do Snr. Antonio Rodrigues Junqueira, e o Snr. João Pimenta, sobrinho do Snr. Antonio Pinto.

(«Foto-Chic» de Alberto Marques)



«Auto das quatro estações»

VERSOS de Correia de Oliveira? Versos de Portugal. Mãos erguidas sobre nós todos, — numa oração que é aleluia e benção e saudade.

Versos d'hontem? d'hoje? Versos de sempre. Portugal não muda.

Curvado sobre a Terra, auscultando-a ansioso, o Poeta extraordinario de Belinho, surpreende-lhe as pulsações; e nelas busca o ritmo dos seus versos admiraveis.

Em seus poêmas, de um grande poder evocativo, ha brados de triunfo — Portugal de Outrora! — e há profecias de Ressurreição, — Portugal que voltará a sêr —!

E voltará! Um grande estremecimento nacionalista percorre as almas; e a «Hora Incerta» que anoitecia a Patria povoou-se de Estrelas; e o rumo à tóa que nos levava, — cegueira dos nossos pecados! — abriu para novos e iluminados horizontes.

E' a Terra que sóbe, ou o Céu que desce?

E' Portugal que ajoêlha; o espirito da Raça que, a meio da peleja decisiva, se afaste um pouco para conversar com Deus.

*

No «Auto das Quatro Estações», encantador Poema que a mão amiga de Antonio Correia de Oliveira me endereçou, essa alta — e ia a dizer divina — preocupação nacionalista aquece e afaga o cristal puríssimo dos versos.

O «Auto» é a epopeia grandiosa e simples de um Lar português.

*«Sem Patria não há Lar:
Desfaz-se o ramo? O ninho vai tombar...»*

E depois, num sublime exaltamento:

*«Estrangeiros que vindes a caminho,
Cuidado em vós!*

Falai, falai baixinho

A lingua dura e estranha:

Não afronte Camões;

Não acordem trovões

Nos reconditos ecos da montanha.»

O Genio da Raça está de tal maneira nos versos deste Poema, que nenhum estranho seria capaz de traduzil-os; só às nossas almas, por intuição lusiada, serão capazes de se mirar em tal espêlho...

*«Outro Virgilio está para voltar;
A Patria é bela e feminina: anseia
Espelho musical onde se olhar»*

«Outro Virgilio?» Pergunta que a gente póde perdoar à imperdoavel modestia de Correia de Oliveira; mas ninguem nos perdoaria que o não descotinássemos no enternecido autor deste livro peregrino.

*

Sobre o valor literario e artistico da Obra de Antonio Correia de Oliveira há muito que se disse a ultima palavra.

Como estesta do verso — é um dos maiores poetas da nossa Terra; mas como «poeta português» — êle é, certamente, o Maior. Nenhum, como o Poeta do Belinho, possui o «sentido» da Terra e da Raça; e nenhum o eguala na interpretação do «ethos».

A critica disse, há muito tempo, a ultima palavra; mas, mesmo que a tivesse calado, ela soaria triunfante nos labios e no coração do Povo, — que é o Critico maior. Desde há muito que ele inscreveu o nome do Poeta no glorioso Livro de Ouro dos Grandes de Portugal.

A «ultima palavra»?

Mas foi ele afinal quem a proferiu, — com a mesma limpida e enternecida emoção que levou o grande e saudoso Trindade Coelho a escrever nas paginas preciosas do «Reporter» e em referencia às «Ladainhas», — a primeira!

E essa foi — hão de recordar-se! — uma verdadeira profecia. O «Antoninho de S. Pedro», cujo primeiro livro o Mestre saúdara, esperançado, foi alem dum mero e esteril «triunfo literario»: conquistou, para Portugal, Portugal!

TEIXEIRA PINTO.

Calças brancas em janeiro

E' sinal de pouco dinheiro, diz-se vulgarmente; pois nem sempre o anexam é certo. Conta-se que o espirituoso fidalgo D. Simão da Silveira entrara no paço, vestido de tafetá, num dia de abril muito chuvoso e frio; notando-lhe outros fidalgos, rindo, que não dizia o vestido com o tempo, respondeu:

— «Eu cá faço o que devo a abril, lá ele que faça o que quizer.»

A proposito de fato leve: perguntou um dia El-Rei D. João IV a D. Manuel Pereira Coutinho de que faria um vestido que fosse fresco de verão, e ao mesmo tempo de dura.

— «Para fresco, respondeu êle, mande-o Vossa Magestade fazer de abobora, e para de dura, da pele da minha sogra.»

Um preto que vale por dois

Chegou a Mobile, uma das mais importantes cidades dos Estados-Unidos, a mais extraordinaria curiosidade que neste mundo se haja visto; um pretinho de seis anos com duas cabeças, quatro braços e quatro pernas! E' do sexo masculino, fala igualmente bem pelas duas bôcas, canta modinhas creoulas e valsa a compasso. Persuadem-se muitos de que são duas crianças e não uma só, porém distinctos fisiologistas europeus e americanos sustentam o contrario, e que toda a anomalia naquelle monstrosinho consiste na duplice formação da espinha dorsal.

Fala igualmente bem pelas duas bocas: mais emprego lhes houvera dado se tivesse nascido mulher, dirá alguem; eu não.

Canta modinhas: pode até cantar duetos.

Valsa a compasso: para o não perder, deve valsar com femea de quatro pés.

O amor

Assim o definiu já um autor francês.

«E' uma paixão que amança o mais fero e enfurece o mais brando — que torna ao mesmo tempo o homem forte e fraco, sincero e desconfiado, generoso e perfido — que entristece e alegra, agita e calma, desespera e consola — que eleva o homem e o envilece — que é a causa de suas virtudes e de seus vicios, de sua vergonha e de sua gloria, de seu infortunio e de sua felicidade — funesta paixão que só debelada á nascença se subjuga.»

Vale a pena de se copiar e de se pregar á cabeceira da cama para lhe fugir enquanto é tempo.

Espelhos na Belgica e Holanda

Há em quasi todas as casas, nestes dous reinos, espelhos por tal modo collocados fóra das janelas, que neles se pode ver de dentro, e sem as abrir, quem bate á porta da rua.

Cerebro de Cuvier

Parece estar hoje bem assente que a intelligencia se acha na razão directa da massa do cerebro e do numero de suas circumvoluções.

Fazendo-se autopsia ao crâneo do celebre Cuvier (que em Pariz teve por largo tempo a denominação de sábio da Europa), viu-se que pesava aquella massa três arrateis e onze onças, e que eram sem numero as voltas que dava sôbre si! As lesões e fracturas do crâneo são tanto mais perigosas, quanto é mortal o minimo ferimento no cerebro. Não achando saída os derramamentos de sangue no crâneo, é indispensavel recorrer então á operação do trépano, com que se consegue aquelle resultado, mas a que poucos sobrevivem.